

CIMPOR - Cimentos de Portugal

ANÚNCIO DOS RESULTADOS CONSOLIDADOS EM 2001

O ano de 2001 não foi um ano particularmente positivo para a CIMPOR. Impedida, durante largos meses, de prosseguir a sua estratégia de desenvolvimento, a Administração do Grupo viu-se impossibilitada de dar continuidade ao processo de crescimento, via aquisição de novas empresas, que vinha concretizando, com assinalável sucesso, desde há alguns anos.

Acresce, também, que o desempenho das Áreas de Negócios de Portugal e do Egipto foi fortemente afectado por alguns problemas de natureza operacional e comercial, respectivamente, com um impacto significativo nos resultados do Grupo. No primeiro caso, a necessidade de paragem de um dos fornos da fábrica de Souselas, a fim de se proceder aos investimentos programados, exigiu a compra de elevadas quantidades de clínquer, com o conseqüente aumento dos custos de produção de cimento. No segundo caso, a entrada de novos operadores no mercado, aliada aos aumentos de capacidade de produção de operadores já instalados, provocaram uma forte concorrência ao nível dos preços, reduzindo drasticamente as margens de comercialização.

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS DO GRUPO

(milhões de euros)	2001	2000	Var.	1999
Volume de Negócios	1.385,7	1.316,0	5,3 %	981,3
Cash Costs Operacionais				
Existências Vendidas e Consumidas	357,5	292,7	22,1 %	236,2
Fornecimentos e Serviços Externos	385,8	372,6	3,5 %	271,3
Custos com o Pessoal	149,9	136,7	9,6 %	106,2
Outros <i>Cash Costs</i> Operacionais(liq.)	-12,3	-5,4	S.S.	-11,4
Total	880,9	796,7	10,6 %	602,3
<i>Cash Flow</i> Operacional (<i>EBITDA</i>)	504,8	519,3	-2,8 %	379,0
Amortizações e Provisões				
<i>Goodwill</i>	48,2	56,0	-13,9 %	30,6
Outras Amortizações	170,9	144,5	18,3 %	114,9
Provisões	15,8	15,9	-0,1 %	6,5
Total	235,0	216,3	8,6 %	152,0
Resultados Operacionais (<i>EBIT</i>)	269,8	303,0	-10,9 %	226,9
Resultados Financeiros	-56,3	-63,5	11,4 %	-16,3
Resultados Correntes	213,6	239,5	-10,8 %	210,6
Resultados Extraordinários	-5,2	8,9	-158,1 %	8,8

Resultados antes de Impostos	208,4	248,4	-16,1 %	219,4
Impostos sobre o Rendimento	63,6	89,9	-29,3 %	84,2
<hr/>				
Resultados antes de Int. Minoritários	144,8	158,5	-8,7 %	135,2
Interesses Minoritários	6,9	6,5	6,8 %	7,2
Resultado Líquido do Grupo	137,8	152,0	-9,3 %	128,0

Como nota mais positiva, é de salientar o bom desempenho operacional das Áreas de Negócios do Brasil e de Marrocos. No Brasil, apesar da instabilidade que caracterizou a sua situação macroeconómica em 2001, o aumento dos preços mais do que compensou a desvalorização cambial da moeda. Em Marrocos, os investimentos realizados na área produtiva, no ano 2000, permitiram aumentar significativamente a eficiência operacional.

Em termos globais, o Volume de Negócios do Grupo registou um crescimento de 5,3%, atingindo um valor consolidado de 1.385,7 milhões de euros

MARGENS EBITDA POR ÁREA DE NEGÓCIO

Área de Negócios	2001	2000
Portugal	34,1%	40,1%
Espanha	29,9%	33,6%
Marrocos	44,6%	34,4%
Tunísia	16,1%	23,6%
Egipto	38,9%	48,4%
Brasil	51,0%	42,9%
Moçambique	18,0%	20,5%
CONSOLIDADO	36,4%	9,5%

O *Cash Flow* Operacional diminuiu, em termos consolidados, de 519,3 milhões de euros, em 2000, para 504,8 milhões de euros, em 2001 - uma redução de 2,8%, em consequência da qual, e dado o crescimento do Volume de Negócios, a margem EBITDA passou, de um ano para o outro, de 39,5% para 36,4%.

As razões fundamentais desta diminuição residem no aumento dos custos com os materiais consumidos e dos encargos com o pessoal.

No primeiro caso, verificou-se uma variação desfavorável de mais de 20% relativamente ao ano anterior, explicada essencialmente por dois factores: (i) um grande aumento do consumo de clínquer adquirido a terceiros nas Áreas de Negócios de Portugal e do Egipto, motivado pela necessidade de paragem dos fornos a fim de serem realizados importantes investimentos de desenvolvimento e uma profunda operação de manutenção, respectivamente; e (ii) um aumento significativo do preço do combustível utilizado na Tunísia (fuel), em consequência da subida dos preços do "crude" no mercado internacional.

No segundo caso, a variação registada - um aumento dos custos em 13,2 milhões de euros (9,6%) - é em grande parte consequência da evolução negativa dos mercados de capitais, o que obrigou, no respeito das normas contabilísticas aplicáveis, a um aumento, em 6,2 milhões de euros, das dotações para pensões na Área de Negócios de Portugal.

A finalização de importantes investimentos e a atribuição de justos valores aos activos adquiridos no Egipto conduziram, por outro lado, a um acréscimo de amortizações de quase 19 milhões de euros, fazendo baixar o Resultado Operacional dos 303 milhões de euros registados em 2000 para perto de 270 milhões de euros, em 2001. Consequentemente, não só as margens EBIT sofreram alguma deterioração, como a Rentabilidade dos Capitais Empregues (depois de

anterior, havia sido de 11,7%.

Nos Resultados Financeiros do Grupo verificou-se, pelo contrário, uma evolução bastante positiva, traduzida numa diminuição global dos custos (líquidos de proveitos) superior a 7 milhões de euros, apesar do aumento da dívida financeira líquida (em termos de média anual) e do reforço das provisões para investimentos financeiros em cerca de 1,7 milhões de euros.

Os Resultados Extraordinários deram, também, um forte contributo para a queda do lucro líquido atribuível ao Grupo: de um valor positivo de quase 9 milhões de euros, em 2000, passaram, em 2001, para um valor negativo em mais de 5 milhões de euros. A explicação reside no elevado montante (perto de 35 milhões de euros) de custos não recorrentes, contabilizados neste último ano, relacionados com a redução do quadro de pessoal das Áreas de Negócios de Marrocos, da Tunísia e, principalmente, do Egipto. Em consequência, sobretudo, desta reestruturação, o número de efectivos do Grupo diminuiu, entre o final de 2000 e o final de 2001, em 981 (14,1%).

Após Interesses Minoritários, o Resultado Líquido Consolidado baixou, relativamente ao ano anterior, e pelas razões apontadas, cerca de 9%, cifrando-se em 137,8 milhões de euros. Mantendo-se os Capitais Próprios praticamente constantes, a respectiva rentabilidade (ROE) diminuiu de 14,0%, em 2000, para 12,4%, em 2001.

VENDAS DE CIMENTO

milhares de toneladas	2001	2000	Varição
PORTUGAL	6.510	6.532	-0,3%
ESPAÑA	1.516	1.527	-0,7%
MARROCOS	703	653	+7,6%
TUNÍSIA	1.537	1.350	+13,9%
EGIPTO *	2.465	2.600	-5,2%
BRASIL	3.513	3.558	-1,3%
MOÇAMBIQUE	424	346	+22,4%
TOTAL	16.668	16.566	+0,6%

* Para efeitos comparativos, as vendas de 2000 referem-se à totalidade do ano (a integração no Grupo ocorreu apenas no final do 1º trimestre)

As vendas de cimento, em quantidades, totalizaram 16,7 milhões de toneladas, aumentando 4.4% relativamente ao ano anterior (0,6%, em base comparável, conforme nota ao quadro junto). Os preços de venda do cimento, com as excepções do Egipto e de Moçambique, evoluíram favoravelmente, com especial destaque para o comportamento da Área de Negócios do Brasil.

Em Portugal e Espanha, as vendas foram consideravelmente prejudicadas pelas condições climáticas adversas verificadas ao longo do primeiro trimestre. Assistiu-se depois a uma recuperação notória, de tal forma que os valores finais acabaram por se situar muito próximos dos registados em 2000.

Na Bacia do Mediterrâneo, à excepção do Egipto - onde, por força da introdução de novas capacidades no mercado, se assistiu a um decréscimo de 5,2% nas quantidades vendidas - as vendas do Grupo registaram crescimentos relevantes. Marrocos, já sem paragens nos fornos e beneficiando dos investimentos realizados em 2000, apresentou um acréscimo de 7,6%, enquanto na Tunísia o aumento foi ainda mais significativo, atingindo os 13,9%.

No Brasil, as vendas de cimento não ficaram imunes aos problemas de ordem macroeconómica que afectaram grande parte da América Latina, evidenciando um ligeiro decréscimo face a 2000 (-1,3%). Em Moçambique, pelo contrário, verificou-se um crescimento de 22,3%, derivado do forte consumo registado nas zonas Centro e Norte do país.

VENDAS DE BETÃO

milhares de metros cúbicos	2001	2000	Varição
PORTUGAL	4.188	3.715	+12,7%
ESPAÑA	1.606	1.440	+11,5%
MARROCOS	27,6	24,1	+14,5%
TUNÍSIA	-	-	-
EGIPTO	-	-	-
BRASIL	116	111	+4,5%
MOÇAMBIQUE	51,2	40,6	+26,0%
TOTAL	5.988,8	5.330,7	+12,3%

Na actividade de produção de betão, as vendas do Grupo CIMPOR cresceram 12,3% relativamente ao ano anterior. Em Portugal, verificou-se um crescimento da taxa de penetração de betão pronto nos consumos totais de cimento, a qual se estima tenha passado de cerca de 26%, em 2000, para 28%, em 2001. Em Espanha, o crescimento ficou a dever-se, fundamentalmente, à aquisição de 6 novas centrais de betão. Nos outros países, os crescimentos apresentados são fruto do grau de desenvolvimento dos próprios mercados.

CAPITAIS EMPREGUES (GRUPO)

(milhões de euros)	2001	2000	1999
Activos Correntes	447,7	399,4	367,6
(Passivo Corrente não Financeiro)	(250,6)	(207,3)	(228,3)
Capital Circulante (liq.)	197,1	192,0	139,3
<i>Goodwill</i> (bruto)	995,6	1.168,8	888,0
Imobilizado Corpóreo (liq.)	1.279,7	1.054,6	884,6
Outros Activos (liq.)	(29,9)	(14,7)	(5,5)
Capitais Empregues	2.442,5	2.400,7	1.906,3
Passivo de Financiamento	1.239,1	1.243,8	830,0
(Emprést. Concedidos / Disponibilidades)	(181,7)	(196,5)	(71,7)
Dívida Financeira Líquida	1.057,3	1.047,3	758,4
Provisões p/Riscos e Encargos	55,8	56,7	26,1
Interesses Minoritários	111,5	100,7	77,4
Impostos Diferidos (Sc)	32,9	(51,1)	(66,8)
Amortiz. Acumuladas do <i>Goodwill</i>	230,7	186,5	130,7
Capitais Próprios	1.091,1	1.131,4	1.039,6
Subtotal	2.579,3	2.471,5	1.965,3
(Activos não Afectos à Exploração)	(136,8)	(70,8)	(59,0)
Capitais Empregues	2.442,5	2.400,7	1.906,3

Os Capitais Empregues praticamente não se alteraram, o mesmo acontecendo com a respectiva estrutura de financiamento.

Na ausência de novas aquisições significativas, as principais variações resumiram-se aos investimentos directos em imobilizado corpóreo, num total de perto de 200 milhões de euros, e ao aumento (líquido) de outros activos, designadamente investimentos financeiros, em cerca de 150 milhões de euros (incluindo variações resultantes de conversões cambiais).

A dívida financeira líquida manteve-se um pouco acima de mil milhões de euros, continuando a representar entre 43 e 44% do total dos Capitais Empregues. O respectivo custo, em conjunto com outros encargos (líquidos de outros proveitos) de natureza financeira, manteve-se igualmente a um nível perfeitamente controlável, correspondente a cerca de 20% do Resultado Operacional.

Lisboa, 12 de Abril de 2002